



**X COLÓQUIO
INTERNACIONAL**
"Educação e Contemporaneidade"
22 a 24 de Setembro de 2016
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

POVOADO TERRA CAÍDA/INDIAROBA-SE E AS NUANCES DO TERRITÓRIO VIVIDO

ROSEANE CRISTINA SANTOS GOMES

EIXO: 23. PESQUISA FORA DO CONTEXTO EDUCACIONAL

RESUMO

Neste artigo, objetivamos estabelecer uma discussão sobre o território vivido da comunidade do povoado Terra Caída, localizada no município de Indiaroba/SE e refletirmos acerca da inserção do turismo enquanto agente potencializador do desenvolvimento local. Para tanto, realizamos revisão de literatura sobre a temática envolvendo a relação território, comunidade e turismo; pesquisa de campo baseada em entrevistas junto aos sujeitos locais, observação e registro fotográfico na área de estudo. As reflexões expostas nos permitem uma visão da própria dinâmica do vivido pelos sujeitos e pelos agentes inseridos nesse processo. Permite-nos ainda, enxergarmos o turismo não apenas como agente desterritorializador mas, sobretudo, como agente suscitador do desenvolvimento local com a valorização das territorialidades construídas pelos sujeitos locais.

Palavras-chave: Território Cotidiano. Turismo Comunitário. Povoado Terra Caída.

ABSTRACT In this article, the goal is to establish a discussion about the territory built by coastal communities, taking as reference the Sergipe State, in particular, Terra Caida village located in Indiaroba County. Also we discuss the inclusion of tourism as a potentiating agent of local development. In order to this aim, we did a review of the literature on the subject involving the relationship between territory, community and tourism, as well as field research based on informal reports and interviews with the local population, in addition of semi structured observation. The exposed reflections allow us an insight into the dynamics experienced by the

residents of a particular locality and by the new social types included into this process from tourism. It also enables us to see the tourism not only as a deterritorializer agent, but especially like rousing agent of local development with the valuation of territoriality ever built by local subjects. **Keywords:** Territory daily life. Community Tourism. Terra Caída Peopled.

INTRODUÇÃO

A Geografia tem procurado compreender e explicar a dinâmica das relações entre sujeitos e seus territórios, ampliando o seu posicionamento epistemológico de acordo com cada contexto histórico vivenciado pelos grupos sociais. Nesta busca, ao longo de sua trajetória, a Geografia incorporou, em suas análises, aspectos como a subjetividade e intersubjetividade, que passaram a ter relevância, principalmente para os geógrafos adeptos da vertente cultural. Esta nova forma de compreensão da realidade ganha força em meados do século XX. A partir deste período, a ciência geográfica introduz em seus estudos o modo como os sujeitos sociais leem e experienciam o espaço. Deste modo, a ampliação epistemológica, conceitos e categorias analíticas são re-significados e entre estas, o Território.

Na perspectiva cultural, o Território é entendido, sobretudo, como uma categoria cujos agentes são sujeitos ou grupos envolvidos em dinâmicas de pequena escala. Esta categoria também passa a abarcar a compreensão das singulares que essencializam a dimensão vivida, propiciando assim, reflexões acerca das territorialidades construídas pelos sujeitos. Neste estudo considerar-se-á o Território das relações cotidianas, simbólicas e identitárias (HASEBAERT, 2004; ALMEIDA, 2008). Relações estas entendidas como inseparáveis, nos permitindo uma visão da própria dinâmica do cotidiano vivido pelos moradores de uma determinada comunidade. Neste artigo, propomos uma discussão que englobe a relação território e turismo, imbuída de nuances da vida cotidiana dos sujeitos do povoado Terra Caída.

Sobre o turismo, o enfoque será neste enquanto agente potencializador do desenvolvimento local, tomando como parâmetro a comunidade do povoado Terra Caída, localizada no município de Indiaroba, litoral sul do estado. Nossa reflexão estará norteadada pelo turismo discutido por Coriolano (2003), Irving (2005), Maldonado (2009), Araújo & Gelbecke (2008), que se apóiam nos significados, saberes e fazeres construídos pelos sujeitos locais atribuídos aos seus territórios de vivência; em que as relações sócio-espaciais tornam-se solidárias e permeadas pelas ações coletivas, de base familiar, de cooperação e associativismo no trabalho.

Para a realização do objetivo proposto, foi realizada uma revisão de literatura, priorizando a temática envolvendo território, comunidades litorâneas e turismo. No primeiro momento desta reflexão, analisamos a categoria Território na perspectiva da Geografia Cultural, pois as reflexões

estão centradas na dimensão teórico-metodológica em que a subjetividade, as experiências e vivências são aspectos relevantes. No segundo momento, abordamos o território construído pelos sujeitos locais, cujo modo de vida tem como referencial a relação entre os aspectos naturais e socioculturais, impressos no seu cotidiano. Já no terceiro momento, relacionamos este território construído pelos sujeitos com o turismo enquanto agente potencializador do desenvolvimento local, bem como agente fragilizador de identidades.

O instrumental de pesquisa utilizado pautou-se na observação do cotidiano e na paisagem sociocultural do povoado, na realização de entrevistas semiestruturadas e coleta de relatos informais junto aos sujeitos locais que estão ou estiveram diretamente ligados ao turismo no povoado em questão. Realizamos ainda, o registro fotográfico.

Das reflexões aqui suscitadas almejamos contribuir com uma análise que (re) coloque as relações socioculturais à frente do desenvolvimentismo. Este, por sua vez, não contribui para a autonomia das comunidades em relação ao que deve ou não impulsionar a valorização dos aspectos naturais e socioculturais de seus territórios. Pode também abrir espaços para outras formas de poder nas comunidades como poder de ONGs, agentes estatais, ou privados que podem ditar os caminhos que a comunidade tem que seguir, fazendo com que a mesma se torne coadjuvante e não protagonista de sua própria história.

O TERRITÓRIO NA ABORDAGEM CULTURAL

Interessa-nos refletir sobre a categoria Território na dimensão cultural/simbólica e subjetiva, pois “é pela existência de uma cultura que se cria um território e, é por ele que se fortalece e se exprime a relação simbólica existente entre cultura e espaço” (BONNEMAISON, 2002, p. 101-102). É uma análise teórica sobre o movimento que faz com que o território constitua *lócus* da vivência, da experiência do indivíduo com seu entorno e com os outros indivíduos nas comunidades litorâneas de Sergipe, em específico na comunidade do povoado Terra Caída. Na perspectiva Cultural de base Humanista, o Território é o espaço das experiências vividas, onde as relações entre os sujeitos, e destes com a natureza, são relações permeadas pelos sentimentos e pelos simbolismos atribuídos aos lugares. São espaços apropriados por meio de práticas que lhes garantem uma identidade social/cultural. Para Almeida (2008, p. 58) “o território é antes de tudo uma convivialidade, uma espécie de relação social política, simbólica que liga o homem à sua terra, e é simultaneamente estabelecida sua identidade cultural.” É importante frisar que a terra não tem apenas o sentido de propriedade individual, mas como apropriação comum ao grupo. Trata-se, portanto, do território construído tendo como substrato as relações que o indivíduo faz com o ambiente de vivência, e todo o arcabouço sociocultural que este carrega.

Bonnemaison (2002) salienta a necessidade de produzir um entendimento real do território pelo dinamismo das relações vividas, aproximando-se do entendimento da complexidade subjetiva que produz e reproduz os diferentes grupos sociais, priorizando os lugares e a produção simbólica do espaço. O autor também destaca o território pelas relações cotidianas como espaço vivido, apropriado pelo campo do subjetivo e identitário dos grupos sociais.

No caso da Comunidade de Terra Caída, nos propomos interpretar os territórios cujos agentes são indivíduos ou grupos, envolvidos em dinâmicas de pequena escala. Dessa forma, estes estudos compreendem e mobilizam fatores específicos (dimensão vivida) para refletir sobre as territorialidades, pois segundo Cruz:

El territorio es una construcción cultural donde tienen lugar las prácticas sociales con intereses distintos, con percepciones, valoraciones y actitudes territoriales diferentes, que generan relaciones de complementación, de reciprocidad, pero también de confrontación. Dicha construcción es susceptible de cambios según las épocas y las dinámicas sociales (CRUZ 2009, p.27).

Diante do exposto, o que funda as concepções de território na dimensão cultural e identitária da Geografia Cultural Humanista é a interação cotidiana entre as pessoas e nas relações destas com espaço. Estes aspectos nos fornecem subsídios para enfatizarmos o conhecimento experiencial e intuitivo dos indivíduos que passam a ser meio de compreensão destes territórios. Portanto, propomos o que cabe denominar este fenômeno como território vivido, pois é a vivência que rege estes territórios.

Nos calcaremos na concepção de território já enfatizada para compreendermos a essência do modo de vida dos sujeitos de Terra Caída e a reprodução de suas territorialidades, a partir do cotidiano. Territorialidades, que como chama atenção Almeida (2008, p. 59) "considera tanto as questões de ordem estrutural, como também o sentimento de pertencimento a um dado território." Dentro deste enfoque, é oportuno e relevante fazermos uma relação analítica do turismo como agente potencializador do desenvolvimento local, baseada no princípio da coletividade, poder local, e valorização das identidades impressas no território. É destaque neste trabalho a comunidade do povoado Terra Caída como o território de vivência e que começa a ser apropriada pelo turismo comunitário. Eis o nosso próximo eixo de reflexão.

POVOADO TERRA CAÍDA: ASPECTOS GEO-SOCIOCULTURAIS DO TERRITÓRIO DE VIVÊNCIA

Neste tópico, procuraremos descrever alguns dos aspectos socioculturais que traduzem o modo

de vida dos seus sujeitos, como forma de externar a riqueza imaterial e simbólica expressa em seus territórios.

O povoado Terra Caída localiza-se no município de Indiaroba/SE, que por sua vez está inserido na mesorregião Sul do estado, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010). Encontra-se também inserido na região turística denominada de Polo Costa dos Coqueirais, sendo este beneficiado pelo Programa de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste (PRODETUR).

Segundo Vieira e Almeida (2011), o povoado Terra Caída situa-se na porção norte do município, sendo margeado pelo complexo estuarino Piauí-Fundo-Real. Este povoado ainda se encontra inserido na chamada Área de Proteção Ambiental do Litoral Sul sergipano. Isto, por ter em seu território ecossistemas frágeis, a exemplo das restingas, dunas, lagoas e remanescentes de mata Atlântica.

De acordo com o Censo Demográfico do IBGE (2010), o povoado possui uma população de 651 habitantes, com forte influência negra e indígena nas suas características étnico-socioculturais, distribuídos em 156 domicílios.

Suas condições sociais apresentam aspectos preocupantes, conforme dados coletados no Censo demográfico do IBGE (2010). O sistema de saneamento ainda carece de melhoras, a exemplo de tratamento de efluentes, predominando ainda fossas rudimentares; o abastecimento de água é advindo, sobretudo, de poços artesianos sem o devido tratamento; há carência de tratamento adequado do lixo produzido pelos moradores.

Em relação a disponibilidade de equipamentos de prestação de serviços essenciais como educação e saúde, ainda conforme Vieira e Almeida (2011), o povoado conta com um posto médico que atende a comunidade de segunda a sexta-feira, com serviços básicos. Possui uma unidade educacional que oferta o ensino fundamental. O ensino médio é ofertado na sede do município, sendo disponibilizado transporte para o deslocamento dos estudantes deste e outros povoados.

A principal via de acesso para o povoado é a terrestre, realizada pela rodovia SE -100 que, ao ser construída, facilitou a mobilidade dos moradores e turistas. Ainda com base nas reflexões de Vieira e Almeida (2011), o povoado possui uma posição estratégica em relação ao turismo, pois encontra-se situado entre as capitais Aracaju e Salvador.

Outro meio de transporte utilizado é o flúvio-marinho, constituído por lanchas, barcos de pequeno porte e catamarãs. Porém, com a construção da ponte Gilberto Amado, esse tipo de transporte foi reduzido. A balsa que realizava a travessia de carros, caminhões, ônibus e outros, não opera

mais.

A ponte Gilberto Amado começou a ser construída no ano de 2009 com recursos do Governo Estadual (Secretária de Infraestrutura) e Federal (Ministério do Turismo). Esta liga o povoado Porto do Cavalo, localizado no município de Estância/SE ao povoado Terra Caída, tendo como objetivo principal a dinamização e utilização de um eixo rodoviário em todo o Litoral Sul sergipano para dar mais impulso a atividade turística e todos os investimentos dela decorrentes.

Com 1.712 metros de comprimento e 14,2 metros de largura, a referida construção, juntamente com a ponte Joel Silveira que liga o povoado Mosqueiro/Aracaju ao povoado Caueira/ Itaporanga D'Ajuda, servem como eixo de interligação entre o Litoral Sul por via litorânea, à capital sergipana e também à Linha Verde. Esse fato permitirá que o fluxo de veículos seja transferido para as praias, promovendo a integração entre o Litoral Sul Sergipano e o Litoral Norte da Bahia, facilitando assim, o acesso entre as duas capitais e conseqüentemente um maior impulso para o turismo. No tocante aos aspectos físicos, o povoado está inserido Planície Litorânea, resultado do avanço da linha de costa, através da ação das ondas, marés, correntes marinhas e ventos. Há também a presença de terraços flúvio-marinhos, tendo como cobertura a restinga arbórea, arbustiva e herbácea. É banhado pela bacia Hidrográfica formada pelos rios Piauí, Fundo e Real. O tipo climático é o subúmido, influenciado pelo sistema meteorológico Frente Polar Atlântica, responsável pela intensidade das chuvas e as correntes perturbadas do leste, atuantes no período de abril a agosto (PINTO J. E. S. S, 2007). O índice pluviométrico ocorre de abril a junho. A média de temperatura é 24,7 graus. O solo predominante é o espodossolo, resultado de ambiente de umidade elevada, apresentando solo de textura arenosa e baixa fertilidade; solo indiscriminado de mangue que é oriundo de depósitos flúvio-marinho, constituído de matéria mineral. Arelada as características geológico-geomorfológicas e ao clima, a área de estudo tem como vegetação predominante a restinga, constituída de halofitas- *psamófilas* endêmicas com árvores de troncos finos, que medem cerca de 15 centímetros com copas largas e irregulares. Na medida em que avança para o interior do povoado, verifica-se o desenvolvimento de árvores de maior porte. As características físicas do povoado acima descritas, conformam uma base sociocultural construída pelos sujeitos locais que por sua vez preservam, ou tentam preservar toda a riqueza que a relação natureza- cultura- território possui. Estabelecem suas relações baseadas em uma forte dependência do uso de recursos naturais e de proximidade uns com os outros. A exemplo desta forte relação, temos o complexo estuarino que banha o povoado, sendo considerado um referencial identitário para estes sujeitos, pois são destes atributos naturais que advém a atividade de maior destaque entre os sujeitos locais – a pesca artesanal, realizada predominantemente pelos homens. O fruto da pesca é utilizado tanto para consumo como para comercialização. Atualmente, aspectos ligados a pesca veem sofrendo alterações em decorrência

de agentes externos presentes no território, como a presença de empresas ligadas a construção civil.

Vale destacar também o significado dos manguezais que ocupam as margens do estuário Piauí-Fundo-Real presentes no território. Este ecossistema é de fundamental importância para a comunidade, uma vez que, muitas famílias se utilizam dele para sobreviver exercendo pesca, principalmente do aratu e do caranguejo-uçá, comercializados nos povoados e nas feiras dos municípios de Indiaroba, de Itaporanga D'Ájuda, de Santa Luzia do Itanhy e Estância. É importante destacar que diferentemente da pesca no rio que banha o povoado, a pesca no mangue é realizada tanto por homens, como por mulheres.

Outro aspecto que caracteriza o cotidiano da comunidade do povoado Terra Caída é a coleta da mangaba, manga, goiaba e outros frutos extraídos da restinga. É comum a comercialização das frutas por eles, assim como o seu uso para sucos, doces, ou até mesmo consumo *in natura*. Ainda, há o cultivo da mandioca, a criação de bovinos e galináceos, sendo estas práticas ligadas à subsistência na área de restinga. A flora do território também é base do imaginário, da identidade dos sujeitos que habitam o povoado, pois em entrevistas realizadas foi comum os entrevistados externarem a relação topofílica entre eles e este segmento da base física do seu território, conforme relato a seguir: *"eu gosto muito da natureza daqui [...] me criei aqui e a gente brincava, quando eu era pequeno, nessas árvores! E, de tardinha a gente tirava fruta, chupava manga, conversava em cima dos pés de árvore[...] era muito bom!"* (homem, 52 anos).

Os aspectos que formam este território permeiam o subjetivo dos seus sujeitos locais, constituindo elementos fundamentais para a manutenção do seu cotidiano, pois estes são considerados um referencial identitário para os sujeitos. Segundo Pollack (1992), um elemento constituinte do sentimento de identidade é um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de um sujeito ou de um grupo em sua reconstrução de si. Para ele, a identidade é como a imagem que o sujeito adquire ao longo da vida referente a si próprio, a imagem que ele constrói e apresenta aos outros e a si, para acreditar na sua própria representação e também para ser percebido pelos outros.

No tocante as manifestações culturais, as tradições mais significativas da população estão ligadas ao catolicismo. O povoado possui dois padroeiros – São José, cuja festa em homenagem ao santo juntamente com a procissão ocorrem no mês de março; São Pedro que acontece 29 de junho. Este padroeiro tem uma relevância muito grande, principalmente para quem vive da pesca, pois é confiado ao padroeiro a certeza de que o pescador retornará para sua casa, para sua família, conforme depoimento a seguir: *"Aqui São Pedro é muito respeitado! Protege nós pescadores [...]"* (homem 64 anos). O povoado ainda conta com duas co-padroeiras: Nossa Senhora Aparecida,

cujas homenagens acontecem em outubro e Nossa Senhora da Conceição que acontece em dezembro.

Outra manifestação importante no povoado é o carnaval, que atrai muitos turistas e veranistas, sendo organizado pela Associação pela Cidadania dos Pescadores e Moradores de Terra Caída. Este evento é considerado importante pelo fato de dinamizar a renda local, conforme relato que segue: *"Aqui no carnaval, a gente que tem um negócio, como aqui na minha pousada, é bom! Tem gente que vem e fica aqui três ou quatro dias e quem não fica, vem comer no restaurante da pousada [...] se você vai nas ruas do povoado tem muita gente de fora. Eu acho bonito de se ver!"* (homem, 58 anos). *"Aqui, no carnaval tem gente que chega de fora e pede um peixe, e a gente pesca e vende, e temos uma renda extra"* (homem, 64 anos).

Conforme exposto, podemos ter a noção dos aspectos socioculturais que os sujeitos da comunidade do povoado Terra Caída possuem. Aspectos estes que também caracterizam as relações subjetivas, substanciadas pela história que envolve toda uma diversidade de manifestações que singulariza a comunidade. São saberes, formas de manuseio permeadas por uma significativa teia de relações de parentesco, de ajuda mútua, normas e valores sociais que privilegiam a solidariedade e a coletividade. Entender mais profundamente o modo de vida destes sujeitos, nos ajudará muito a interpretar o ciclo recíproco da relação natureza- cultura- território, bem como os fatores que ameaçam ou podem potencializar essa reciprocidade, a exemplo do desenvolvimento do turismo.

TURISMO COMUNITÁRIO EM TERRA CAÍDA: UMA PRÁTICA POSSÍVEL?

Ressaltar o modo de vida particularizado da comunidade do povoado Terra Caída como um modo de vida tradicional não significa excluí-la da inserção no desenvolvimento econômico, nem tão pouco dos meandros do mundo moderno. Significa enfatizar que essa maneira de viver em espaços e recursos de uso comum pode contribuir para a manutenção das relações entre os indivíduos e o meio ambiente, na perspectiva dinâmica pautada segundo Sachs (2000) na sustentabilidade social, cultural, econômica e ambiental no enfoque de desenvolvimento local.

Segundo Tubaldini (2009) a valorização do território das comunidades perpassa pela valorização e manutenção de seus conhecimentos adquiridos a partir do seu modo de vida. Com base nesta autora, atribuímos que a inserção do turismo nas comunidades sergipanas, em particular na de Terra Caída, assim como as localizadas nas demais partes do país e do mundo, só é passível de sucesso para os sujeitos locais, a partir da valorização do território experienciado, vivido e concebido como palco da construção de identidades. É importante que a inserção do turismo nas comunidades seja permeada pela valorização das experiências, do cotidiano, pelos valores

identitários. Essa inserção associa-se ao sentimento de pertença, resistência e luta daqueles que se sentem excluídos dos resultados da produção da riqueza e desejam incluir-se na cadeia produtiva do turismo.

A construção de territórios tendo como protagonistas os sujeitos da comunidade, pode representar um movimento contra-hegemônico que se contrapõe à tendência homogeneizadora dos espaços e formas de organização sócio-espacial. Assim, a inserção do turismo nestes territórios pode revelar a busca por uma forma diferenciada de apropriação territorial por meio da atividade turística no sentido de fortalecer o poder local, os valores identitários e de solidariedade destes territórios que o processo de globalização periferiza. Simboliza a emergência da outra globalização que, conforme Santos (2001), cria políticas, lutas e formas de resistência às imposições hegemônicas sobre o território. Haesbaert também explica o fenômeno ao afirmar que:

Ao lado de uma geopolítica global das grandes corporações brotam micropolíticas capazes de forjar resistências menores – mas não menos relevantes –, em que territórios alternativos tentam impor sua própria ordem, ainda minoritária e anárquica, é verdade, mas talvez por isso, mesmo embrião de uma nova forma de ordenação territorial que começa a ser gestada (HAESBAERT, 2002, p.14).

É relevante enfatizar que, muitas vezes, os sujeitos locais não usufruem dos benefícios advindos da atividade turística que se expande nos seus territórios. Em alguns casos, a população local torna-se apenas mão-de-obra pouco qualificada e mal remunerada enquadradas nos equipamentos turísticos, quando não são expulsas dos locais onde moram para dar espaço aos mega empreendimentos.

No povoado Terra Caída, o turismo está materializado dentro do contexto híbrido. Temos o turismo convencional, com intervenções governamentais, assim como iniciativas de turismo comunitário. Coriolano (2008) discute sobre os dois eixos sinalizados no povoado Terra Caída e presentes em várias partes do Brasil: o convencional ou globalizado, que se movimenta de fora para dentro, vem de grande pólo emissor para pólo receptor em que, em muitos deles, o local não participa da cadeia produtiva. O outro eixo é o alternativo com o turismo de base local, considerado de baixo para cima, em que comunidades periféricas também usufruem das condições comerciais do mundo globalizado por redes turísticas, tendo em vista o fortalecimento da atividade e o atendimento das necessidades locais.

Naquele povoado o processo ainda não está consolidado. Contudo, cabe na nossa reflexão, pois

de acordo com relatos informais e entrevistas semiestruturadas, os sujeitos locais se mostram receptivos ao turismo, o percebem como uma maneira de fortalecer a sua renda, como uma atividade que venha a se somar com as características do seu território. Reconhecem também a deficiência do planejamento territorial elaborado e efetivado pelo Estado como fator que desfavorece a estruturação do turismo nos moldes que eles almejam.

Neste momento de reflexão, priorizaremos o turismo emergido de baixo para cima, realizado pelos sujeitos que formam a comunidade em questão. Terra Caída conforme já exposto, possui características que favorecem a materialização do turismo, tanto em termos de seus atributos naturais, como em seus aspectos imateriais, construídos na relação homem-natureza, pois de acordo com Vieira e Almeida:

A estruturação do turismo de base comunitária no povoado terra caída está diretamente relacionada à principal atividade econômica da região, a pesca artesanal, uma cadeia que se apresenta organizada em forma de associação, facilitando a transparência e envolvimento dos agentes locais no desenvolvimento do projeto (VIEIRA E ALMEIDA, 2011, p. 287)

Ainda com base nos autores acima e pesquisa de campo realizada, o turismo comunitário começou a se materializar com incentivo de membros da Associação pela Cidadania dos Pescadores e Moradores de Terra Caída (ASPECTO), criada no ano de 1996.. Esta associação atua na comunidade incentivando o turismo comunitário, proteção ao meio ambiente, cidadania, desenvolvimento da atividade pesqueira, capacitação profissional, atividades com a terceira idade, educação ambiental, musicalização e resgate cultural. Possui mais de treze anos de atuação.

As primeiras práticas para a materialização do Turismo comunitário se iniciaram quando a mesma tinha seis anos de criação, com projetos que tinham como pilar o cooperativismo e associativismo, essenciais para a prática do turismo comunitário. Os projetos motores foram: "Almoce na casa do nativo e conheça a história dos pescadores". O projeto teve como objetivo, orientar as pessoas interessadas a receber o turista de acordo com a culinária local, bem como aproximar o turista do pescador, dos sujeitos da comunidade.

Buscou também valorizar a memória coletiva, que faz parte da identidade dos sujeitos do povoado, valorizar as características do território. Enquanto o turista almoça, ouve a história relatada pelos pescadores, ou se preferir, em um outro momento, enquanto estiver na comunidade. Segundo entrevista com o presidente da Associação de Pescadores, esse é um momento que o turista tem para vivenciar o povoado, a sua riqueza cultural "é o que dá

significado ao turismo em nossa comunidade. Só a nossa gente pode fazer isso, passar a nossa riqueza para que outras pessoas tomem conhecimento” (presidente da Associação de Moradores).

Ainda de acordo com entrevistas realizadas, no povoado existem restaurantes que recebem turistas, porém dentro dos moldes convencionais e poucos lucram com a atividade. Pensando em integrar mais pessoas a cadeia produtiva, foi pensado o turismo que envolvesse desde o pescador até a dona de casa. O projeto partiu do saber fazer da comunidade, do seu cotidiano.

Para que o turista tomasse conhecimento da culinária local e do projeto, a Associação passou a entrar em contato com agências de turismo, por meio da ONG Sociedade Semear para que, ao surgir o interesse da visita ao Litoral Sul sergipano, fosse sugerido a opção de almoço na comunidade de Terra Caída. Para isso, foi formulado um cardápio que ficava a disposição na Associação de Moradores para que o turista pudesse escolher o que comer e em qual casa estaria disponível o que escolheu. A partir da escolha, era disponibilizado um guia para conduzir o turista até a residência escolhida.

Outro projeto dentro dos moldes do turismo comunitário foi “Artesanato e Comidas Típicas”. Se realizava nos fins de semana na praça do povoado, onde tinha barracas para que fossem comercializados produtos locais, como artesanato local, doces, e demais comidas típicas. O espaço, além da comercialização dos produtos, também propiciava o encontro entre as famílias e os visitantes. Para a comercialização dos produtos, foi criado um selo e para o artesanato, uma logomarca, informando a origem, forma de produção, significado e o contato de quem o produziu.

Para dar visibilidade a comunidade e ao que a mesma tinha para oferecer com base no turismo comunitário, os moradores passaram a participar de feiras que aconteciam em Sergipe e em outros estados (feira de economia, solidária, de turismo, entre outras). Todos os espaços destinados para mostras de turismo, os indivíduos da comunidade procuravam participar.

Estes projetos se desenvolveram durante seis anos. Posteriormente, a comunidade tomou ciência do Edital 001/2008 realizado pelo Ministério do Turismo (MTur) para o fomento ao turismo de base local (comunitário). Como foi demonstrado interesse de participação no referido edital lançado no ano de 2008, os sujeitos locais envolvidos com o turismo na comunidade se engajaram para seguir as exigências contidas neste edital e assim, concorrer ao financiamento para o desenvolvimento do turismo local (comunitário). Para sistematizar a proposta que iria concorrer aos recursos financeiros, a comunidade recorreu a ONG Sociedade Semear, ou seja, colocar no papel, sistematizar a prática, o que a comunidade já desenvolvia em termos do turismo comunitário e, em que pretendia avançar, pois a condição para a participação neste edital do MTur seria experiências anteriores com a modalidade do turismo em questão.

O recurso financeiro que seria disponibilizado pelo MTur para os projetos selecionados, seria entre 100 e 150 mil Reais para que, no prazo de 18 meses fosse destinado à estruturação do turismo comunitário. A comunidade do povoado Terra Caída foi a única do estado de Sergipe selecionada pelo MTur, cujo resultado foi divulgado em agosto de 2008. Porém, em decorrência da falta de alguns requisitos para que o projeto fosse colocado em prática, o recurso não foi disponibilizado, o que deixou a comunidade frustrada.

Posterior a esse fato, foi iniciada a construção da ponte já mencionada, o que, de acordo com entrevistas realizadas desarticulou a atividade turística desenvolvida pela comunidade. De acordo com relatos coletados juntos aos sujeitos locais, a referida ponte impactou o modo de vida da comunidade em sua fase de construção, pois a mão de obra contratada adveio, predominantemente, do povoado Terra Caída e povoados circunvizinhos. Pescadores, marisqueiras, artesãos, foram contratados para o trabalho assalariado de cunho temporário, o que levou a desestruturação do turismo comunitário, assim como a desvirtualização das atividades ligadas a pesca.

De acordo com relatos coletados junto aos sujeitos locais, devido a carga horária de trabalho exaustiva, estes não mais tiveram estímulo de desenvolverem atividades que antes eram uma marca característica da comunidade, conforme relato a seguir: *"muitas pessoas aqui que trabalham no rio e no mangue foram trabalhar na ponte e o serviço lá toma o tempo todo. O meu marido ta lá [...] agora está quase acabando e estamos com problema até de pagamento e não sei como vai ser depois"* (mulher, 41 anos). *"Estamos com projeto de retomar o turismo comunitário e tem muita gente aqui na comunidade que quer e agora que essa ponte vai terminar, acredito que as pessoas vão querer, sim buscar outras alternativas para complementação de renda e outras pessoas de ter um novo emprego"* (homem 32 anos). Hoje, a comunidade passa por um novo processo de reestruturação da vida cotidiana. Muitos estão migrando, procurando trabalho assalariado, outros querem voltar a trabalhar com o turismo comunitário, porém houve a desmobilização e está surgindo uma tentativa de reiniciar o turismo comunitário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS, PORÉM NÃO DEFINITIVAS

A valorização sociocultural e natural de pequenas comunidades como a de Terra Caída, abrem espaço para oportunidades de desenvolvimento ancoradas na preservação do território do cotidiano. A chegada do turismo em comunidades pequenas como no povoado Terra Caída, pode esta provocando um redimensionamento das relações cotidianas vividas neste território, criando assim, uma nova ordem e conduzindo a mudanças funcionais e estruturais, pois este território é ao mesmo tempo, palco e objeto de uma razão, convivendo dialeticamente. O turismo

comunitário iniciado em Terra Caída, também nos faz refletir sobre os fatores externos que podem desmobilizar a iniciativa da comunidade, ou até que ponto é salutar a interferência de ONGs e Estado nesse processo. Isto porque identificamos naquele povoado o turismo comunitário que durante seis anos foi conduzido pelos sujeitos locais. Posteriormente, agentes como a ONG Sociedade Semear e MTur também começaram a fazer parte desta iniciativa como agentes que poderiam dinamizar o que já tinha sido feito pela comunidade, além da intervenção do Governo Estadual que por meio de recursos financeiros federais, começa a construir a ponte, tendo como discurso a consolidação do turismo no Litoral Sul sergipano.

As comunidades litorâneas de Sergipe representam um estilo de vida marcado por laços de proximidade, por relações familiares e por saberes, modos de ser e de fazer representados pela tradição. Este é o cenário oportuno para estratégias de desenvolvimento que busca aliar seu patrimônio natural, social e cultural as tendências da sociedade contemporânea, não perdendo de vista as territorialidades construídas por estas comunidades. Esta é a lógica do turismo comunitário.

É importante a realização de políticas sociais, territoriais ou alternativas, criadas pela população residente com o intuito de atingir a gestão do território que realmente atenda as exigências e necessidades locais. Portanto, é preciso que haja opção para desenvolver a atividade, iniciativas, planejamento e que o desenvolvimento e a gestão da atividade sejam das comunidades, priorizando as suas territorialidades, identidades, as práticas do cotidiano. **REFERÊNCIAS**

BIBLIOGRÁFICAS ALMEIDA M. G. de; VIEIRA, L. V. L. Turismo no povoado de Terra Caída /Indiroba/SE: do individual ao comunitário. **Rosa dos Ventos**. Universidade de Caxias do Sul, v. 3, p. 159-171, Jul. 2011. _____. Diversidade paisagística e identidades territoriais e culturais: Brasil sertanejo. In: ALMEIDA, M. G. de; CHAVEIRO, E. F.; BRAGA, H. C. (Orgs.). **Geografia e cultura: a vida dos lugares e os lugares da vida**. Goiânia: Editora Vieira, 2008. p. 47-74. ARAUJO, G. P. de; GELBCKE, Daniele L. Turismo Comunitário, uma perspectiva ética e educativa de desenvolvimento. **Revista Turismo Visão e Ação**. Itajaí, v. 10, n. 03. p. 357 – 378, set/dez. 2008. Disponível em [www.](http://www.univali.br)

[univali.br](http://www.univali.br)

[/revistaturismo](http://www.univali.br/revistaturismo)>

Acessado em: 12 de agosto de 2014. BONNEMAISON, Joel. Viagem em torno do território. **In:** (Orgs) CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Geografia cultural: um século**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002, p. 83-132. CORIOLANO, L. N. M. T.; SAMPAIO, C. A. C. Repensando o turismo comunitário e solidário. In: **Anais do X Seminário Internacional de turismo**. Curitiba: UNICENP, 2008. p. 01-21. _____. Os limites do Desenvolvimento e do Turismo. In: CORIOLANO, Luzia Neide Menezes (org.) **O Turismo de Inclusão e o Desenvolvimento Local**. Fortaleza: Editora

Premius, 2003. CRUZ, B. Nates. Desterritorialización, centro-periferia, lugar/no-lugar reflexiones desde La antropologia del território. In: (ORG) ALMEIDA, M. G de. CRUZ, B. N. **Território e Cultura** Inclusão, exclusão nas dinâmicas socioespaciais. Goiânia: UFG, 2009. P. 26-41. HAESBAERT, Rogério. Identidades Territoriais: entre a multiterritorialidade e a reclusão territorial (ou: do hibridismo cultural à essencialização das identidades). In: HAESBART. R. C; ARAÚJO, F. G. de. **Identidades e Territórios: questões e olhares contemporâneos**. Rio de Janeiro, Access, 2007. _____. **O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade**. Rio de janeiro: Bertrand Brasil, 2004. _____. **Territórios alternativos**. Niterói: EdUFF; São Paulo: Contexto, 2002. BRASIL. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, **Banco de Dados Agregados de Setores**, 2010. IRVING, M. A., BURSZTYN, I, SANCHO, A., MELO, G., Revisitando significados em sustentabilidade no planejamento turístico. **Caderno Virtual de Turismo**, 2005, vol. 5, n. 4, pp. 1-7. [http://](http://www.)

www.

ivt.coppe.ufrj.br

[/caderno/ojs/](http://caderno/ojs/) . Consultado em 12 de agosto de 2011. MALDONADO, Carlos. O turismo rural comunitário na América Latina: gênese, características e políticas. In: BARTHOLLO, Roberto; SANSOLO, Davis Gruber; BURSZTYN, Ivan (Orgs). **Turismo de base Comunitária: experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e imagem, 2009. p. 25-44. PINTO J. E. S. S. Condições de tempo e clima. In: **Atlas Escolar Sergipe: espaço geo-histórico e cultural** (Coords. FRANÇA V. L. A. e CRUZ M. T. S.) João Pessoa: Grafset, p. 48-54. 2007. POLLAK, Michael. (1992). Memória e Identidade Social. In: **Estudos Históricos**. Rio De Janeiro, vol.5, n. 10. SACHS, I. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2000. SANTOS, Milton; SILVEIRA, M. Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2001. TUBALDINI, M. A. dos S; SILVIA, M. M. L. P. Territórios de Resistência: paisagem e cultura nos remanescentes quilombolas do Barro Preto, Santa Maria do Itabira, MG, e Indaiá. In: (ORG) ALMEIDA, M. G de. CRUZ, B. N. **Território e Cultura** – Inclusão, exclusão nas dinâmicas socioespaciais. Goiânia: UFG, 2009. P. 114-126.

ALMEIDA M. G. de; VIEIRA, L. V. L. Turismo no povoado de Terra Caída /Indiroba/SE: do individual ao comunitário. **Rosa dos Ventos**. Universidade de Caxias do Sul, v. 3, p. 159-171, Jul. 2011. _____. Diversidade paisagística e identidades territoriais e culturais: Brasil sertanejo. In: ALMEIDA, M. G. de; CHAVEIRO, E. F.; BRAGA, H. C. (Orgs.). **Geografia e cultura: a vida dos lugares e os lugares da vida**. Goiânia: Editora Vieira, 2008. p. 47-74. ARAUJO, G. P. de; GELBCKE, Daniele L. Turismo Comunitário, uma perspectiva ética e educativa de desenvolvimento. **Revista Turismo Visão e Ação**. Itajaí, v. 10, n. 03. p. 357 – 378, set/dez.

2008. Disponível em www.univali.br

[univali.br](http://www.univali.br)

[/revistaturismo](http://www.univali.br/revistaturismo)>

Acessado em: 12 de agosto de 2014. BONNEMAISON, Joel. Viagem em torno do território. **In:** (Orgs) CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Geografia cultural: um século**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002, p. 83-132. CORIOLANO, L. N. M. T.; SAMPAIO, C. A. C. Repensando o turismo comunitário e solidário. **In: Anais do X Seminário Internacional de turismo**. Curitiba: UNICENP, 2008. p. 01-21. _____. Os limites do Desenvolvimento e do Turismo. **In:** CORIOLANO, Luzia Neide Menezes (org.) **O Turismo de Inclusão e o Desenvolvimento Local**. Fortaleza: Editora Premium, 2003. CRUZ, B. Nates. Desterritorialización, centro-periferia, lugar/no-lugar reflexiones desde La antropologia del território. **In:** (ORG) ALMEIDA, M. G de. CRUZ, B. N. **Território e Cultura** Inclusão, exclusão nas dinâmicas socioespaciais. Goiânia: UFG, 2009. P. 26-41. HAESBAERT, Rogério. Identidades Territoriais: entre a multiterritorialidade e a reclusão territorial (ou: do hibridismo cultural à essencialização das identidades). **In:** HAESBART. R. C; ARAÚJO, F. G. de. **Identidades e Territórios: questões e olhares contemporâneos**. Rio de Janeiro, Access, 2007. _____. **O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. _____. **Territórios alternativos**. Niterói: EdUFF; São Paulo: Contexto, 2002. BRASIL. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, **Banco de Dados Agregados de Setores**, 2010. IRVING, M. A., BURSZTYN, I, SANCHO, A., MELO, G., Revisitando significados em sustentabilidade no planejamento turístico. **Caderno Virtual de Turismo**, 2005, vol. 5, n. 4, pp. 1-7. [http://www.](http://www.ivt.coppe.ufrj.br)

[ivt.coppe.ufrj.br](http://www.ivt.coppe.ufrj.br)

[/caderno/ojs/](http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/ojs/) . Consultado em 12 de agosto de 2011. MALDONADO, Carlos. O turismo rural comunitário na América Latina: gênese, características e políticas. **In:** BARTHOLO, Roberto; SANSOLO, Davis Gruber; BURSZTYN, Ivan (Orgs). **Turismo de base Comunitária: experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e imagem, 2009. p. 25-44. PINTO J. E. S. S. Condições de tempo e clima. **In: Atlas Escolar Sergipe: espaço geo-histórico e cultural** (Coords. FRANÇA V. L. A. e CRUZ M. T. S.) João Pessoa: Grafset, p. 48-54. 2007. POLLAK, Michael. (1992). Memória e Identidade Social. **In: Estudos Históricas**. Rio De Janeiro, vol.5, n. 10. SACHS, I. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2000. SANTOS, Milton; SILVEIRA, M. Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2001. TUBALDINI, M. A. dos S; SILVIA, M. M. L. P. Territórios de Resistência: paisagem e cultura nos remanescentes quilombolas do Barro Preto, Santa Maria do Itabira, MG, e Indaiá. **In:** (ORG) ALMEIDA, M. G de. CRUZ, B. N. **Território e Cultura** – Inclusão, exclusão nas dinâmicas socioespaciais. Goiânia: UFG, 2009. P.

114-126.

[1] Pesquisa Desenvolvida entre os anos de 2010 e 2014.

[2] Doutora em Geografia (PPGEO/UFS); Docente vinculada ao Departamento de Geografia (DGE/UFS); Pesquisadora dos Grupos de Pesquisa Sociedade e Cultura (PPGEO/UFS) e Grupo de Pesquisa Território, Cultura e Representações (DGE/UFS); E-mail: Roseane.ufs@gmail.com

Recebido em: 07/08/2016

Aprovado em: 09/08/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: